

## *Desejo, cuidado e controle nas orgias barebacking*

DESIRE, CARE AND CONTROL IN BAREBACKING ORGIES

*Francisco Gleidson Vieira dos Santos\**

### RESUMO

Neste artigo descrevo e analiso o ponto de inflexão das categorias analíticas iniciais de uma pesquisa. Investigando o “risco e a produção do prazer na realização dos desejos”, centrando o olhar nas experiências orgiásticas de homens que fazem sexo com homens, me deparo com a possibilidade de investigar as orgias *barebacking*. Desloco-me, então, de uma perspectiva em que o prazer estava, supostamente, vinculado aos riscos experimentados pelos sujeitos orgiásticos e me deparo com as categorias cuidado e controle a partir das experiências afetivo-sexuais de homens cis gêneros, soropositivos, engajados no que é, convencionalmente, denominado orgias *barebacking*. A partir dessa inflexão reflito sobre a constituição de relações afetivo-sexuais elaboradas pelos pesquisados, iluminando um elemento comum a todos, o vírus HIV. Reflito também sobre a “ideologia da igualdade”, estratégia forjada no contexto das orgias *barebacking*, tencionando burlar as diferenças e viabilizar a realização dos desejos sexuais e de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade; Orgias *barebacking*; HIV/aids; cuidado e controle; serotriagem; segurança negociada.

### ABSTRACT

In this article I describe and analyze the inflection point of the initial analytical categories of a research. Investigating the “risk and the production of pleasure in the fulfillment of desires”, focusing on the orgiastic experiences of men who have sex with men, I am faced with the possibility of investigating barebacking orgies. I move, then, from a perspective in which pleasure was supposedly linked to the risks experienced by orgiastic subjects and I face the categories care and control based on the affective-sexual experiences of cis-gendered, HIV-positive men engaged in what it is conventionally called barebacking orgies. From this inflection, I reflect on the constitution of affective-sexual relationships elaborated by the respondents, illuminating an element common to all, the HIV virus. I also reflect on the “ideology of equality”, a strategy forged in the context of barebacking orgies, intending to circumvent differences and make the fulfillment of sexual and life desires feasible.

**KEYWORDS:** Sexuality; Barebacking orgies; HIV / AIDS; care and control; serotriagem; negotiated security.

---

\* Universidade Federal de Pernambuco – UFPE / FAGES/OCRE, Recife – PE. E-mail: fgleidson.vieira@gmail.com

## **Introdução**

O presente artigo constitui-se um fragmento da tese de doutorado intitulada “Uniformizados pela pele, travestidos pelo desejo, a criação de um novo mundo a partir das orgias *barebacking*<sup>1</sup> do “Rei Sol<sup>2</sup>””. A pesquisa teve como foco central as experiências afetivo-sexuais de homens soropositivos que fazem sexo entre si e são adeptos das orgias *barebacking*. Ou seja, adeptos do sexo grupal, anal, intencionalmente realizado sem o uso do preservativo. De cunho etnográfico, foi realizada entre os anos de

---

1 Com base em Haig (2006), o *barebacking* pode ser entendido como a prática do sexo anal entre homens que fazem sexo com homens, com parceiros ocasionais, de forma intencional e contínua sem o uso do preservativo. Na sua acepção original a palavra *barebacking* advém do contexto hípico, especialmente dos rodeios norte-americanos como uma modalidade de esporte sem proteção. Assim, significa “montar a pelo”, ou seja, montar um cavalo ou cavalgar sem cela. Nos anos 1990, nos meios anglofalantes ou europeu, passou a ser usado diretamente para referir-se ao sexo sem o uso do preservativo. Em virtude do termo ter extrapolado sua mera significação comportamental, cuja referência não se restringe simplesmente a uma prática sexual, várias perspectivas de abordagem se abriram. Muitas delas tratam das questões relativas ao pertencimento e a constituição identitárias dos sujeitos adeptos da prática.

2 O nome “Rei Sol” é uma alegoria ao verdadeiro nome de um dos principais interlocutores da pesquisa que deu origem a este artigo. Ele foi cunhado por Roberto, um outro importante interlocutor, em alusão ao soberano francês do século XVII, Luiz XIV. Faz referência a elegância, a altivez e a sua predileção pelo belo, um esteta. O Rei Sol é proprietário do apartamento onde as orgias são realizadas. Aproveito o ensejo para agradecer não só a disponibilidade para o diálogo, mas a delicadeza e a coragem com que me abriu as portas das orgias *barebacking*. Menciono a coragem em razão das circunstâncias. Momentos antes de iniciar o trabalho de campo haviam sido publicadas reportagens sobre o suposto clube do carimbo, o que poderia ter implicado em uma não disponibilidade para o diálogo, o que não aconteceu. Aproveito também para agradecer ao Roberto, ambos constituíram-se meus salvos condutos diante dos outros interlocutores. Ratifico que por questões deontológicas todos os nomes citados aqui foram modificados, com exceção de um deles, cuja autorização foi concedida. Agradeço a todos pelas possibilidades de interlocução e, por que não, pela amizade.

2013 e 2019, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. O trabalho de campo, realizado na cidade São Paulo, privilegiou as orgias *barebacking* do “Rei Sol”. Estas são regularmente realizadas em um apartamento localizado no centro da cidade de São Paulo. Seus participantes são homens cis gêneros, maiores de 18 anos, portadores do vírus HIV. Foram realizadas observação participante e entrevistas em profundidade com 10 pessoas envolvidas com o universo das orgias *barebacking*, 06 delas eram participantes das orgias do “Rei Sol”. A tese teve por objetivo compreender a constituição de novos laços sociais, engendrados pela experiência de se viver com o vírus HIV, o que, segundo os dados coletados, agência novas possibilidades de relações afetivo-sexuais, forjadas no âmbito das orgias em questão.

Sendo assim, neste artigo, a partir da experiência etnográfica, descrevo e analiso o momento de inflexão das categorias analíticas utilizadas no início da pesquisa de campo, quando, ainda pesquisando o “risco e a produção do prazer na realização dos desejos”, centrando o olhar nas experiências orgiásticas de homens que fazem sexo com homens, me deparo com a possibilidade de investigar as orgias denominadas *barebacking*. Desde então, desloco-me de uma perspectiva em que a produção do prazer estava supostamente vinculada aos riscos experimentados pelos sujeitos orgiásticos na realização dos seus desejos e me deparo com as categorias cuidado e controle a partir das experiências afetivo-sexuais de homens cis gêneros, soropositivos, engajados no que, convencionalmente, é denominado orgias *barebacking*. A partir dessa inflexão reflito sobre a constituição de relações afetivo-sexuais elaboradas pelos sujeitos orgiásticos *bare-*

*backing* pesquisados, centrando o olhar em um elemento comum a todos eles, o vírus HIV. Reflito também sobre a “ideologia da igualdade”, uma espécie de estratégia forjada no contexto das orgias *barebacking*, uma forma de burlar as diferenças e viabilizar a realização dos desejos sexuais e de vida.

### **1. Risco e produção do prazer na realização dos desejos orgiásticos.**

Dei início a esta pesquisa tendo como foco central entender as articulações entre o risco e a produção do prazer na realização dos desejos. Embasado por uma pesquisa exploratória, realizada exclusivamente por meio do ambiente virtual, o olhar estava centrado nas experiências orgiásticas de homens que fazem sexo com homens. Nesse sentido, influenciado pela ideia de distanciamento elaborada pelo dramaturgo alemão Bertold Brecht, estabeleci uma analogia entre as emoções vividas pela plateia aristotélica e os sujeitos adeptos das orgias. Nessa perspectiva, de acordo com Rosenfeld (1985), o êxtase vivido diante do drama encenado possibilita ao público uma identificação que os leva a esquecer-se de tudo. Essa identificação é percebida por Brecht como uma consequência da teoria da catarse, da purgação e descarga das emoções. “O público assim purificado sai do teatro satisfeito, convenientemente conformado no sentido da ideologia burguesa e incapaz de uma ideia rebelde” (ROSENFELD, 1985, p. 148).

Na contramão das ideias supracitadas, no teatro épico o ator-narrador não “simplesmente” interpreta uma personagem, mas de forma didática a revela para o seu público. Assim, um dos recursos utilizado pelo

ator-narrador é sua saída da personagem, dirigindo-se objetivamente ao público, falando com voz e gestos próprios, quebrando o que é conceituado como a quarta parede, ou seja, uma espécie de parede imaginária que separa os atores da plateia. Tais artifícios tinham como objetivo manter a plateia atenta aos aspectos sociais abordados pelo referido autor na sua dramaturgia. Cabe ressaltar, no sentido de deixar a analogia mais clara, que as emoções no teatro épico não são descartadas. Assim, não há na dramaturgia de Brecht uma contraposição às emoções, o que se pretende é elevá-la ao raciocínio.

Por esse prisma, as emoções experimentadas pelos sujeitos nas orgias, no que se refere à produção de fruição corpórea, e as consequências, experienciadas em decorrência delas, hipoteticamente vislumbradas, me levaram a elucubrações. Tais reflexões tomaram o lugar ocupado pelas emoções no teatro épico como parâmetro para pensar o lugar das emoções vividas por meio da experiência, e na experiência orgiástica. Destarte, quando num primeiro momento eu estava objetivando/objetificando compreender como a noção de risco era significada pelos adeptos das orgias e quais as vinculações que tais significações tinham com a produção do prazer e a realização do desejo, eu estava entrevedendo possíveis vacilos experimentados pelos sujeitos orgiásticos em decorrência do êxtase e da catarse, emoções apontadas na teoria Brechtiniana como escamoteadoras da razão. Por esse ângulo, as orgias se constituiriam práticas de risco.

Associada as reflexões supracitadas, minha experiência como

pesquisador no campo da prostituição já havia me revelado que, concernente ao uso da camisinha, as mulheres prostitutas a utilizam com os seus clientes, mas ao se apaixonarem a camisinha não é utilizada (VIEIRA, 2005; 2010). Ou seja, as emoções experimentadas em decorrência do envolvimento amoroso é fator preponderante no abandono da proteção. Ademais, as formulações elaboradas por Jeolás (2007) a partir do imaginário de jovens sobre os riscos da aids corroboraram para que eu seguisse nessa direção. De acordo com a autora:

Há uma afirmação generalizada da (quase) impossibilidade de se conciliar, de um lado a *razão* – “ter consciência”; “pensar bem”; planejar; “ter cabeça” - e, de outro lado, a *emoção* – o “vacilo”; o “descuido”; a “marcação”; o “não planejado”; o “imprevisível”; a “falta de cabeça”; a “boabeira”; a “hora H”. *O êxtase e a vertigem*, para eles, possibilitados pelo sexo e pelo álcool (ou outras drogas), expressam muito bem esta tensão entre razão e emoção, marcando o fato de que as sensações que se tem (ou que se buscam) nas relações sexuais, nas paixões e nos amores impedem a racionalidade e a previsibilidade das práticas de proteção. *Eles afirmam, com recorrência, que a natureza do amor, da paixão, do “tesão” faz parte do domínio do imponderável e do não planejado, e a camisinha rompe, como um intruso não convidado, este momento de encantamento e de suspensão do mundo* (JEOLÁS, 2007, p. 33). (grifos meus)

Até então, embasado pelas observações realizadas exclusivamente no ambiente virtual – o que me possibilitou elaborar a analogia entre as emoções vivenciadas no âmbito da orgia e o teatro épico –, pelas minhas experiências anteriores de pesquisa no campo da prostituição, pelas formulações da autora supracitada, bem como pela ideia na qual o conceito de masculinidade vigente em nossa sociedade está atrelado ao risco e ao prazer, como elementos que constituem a construção do que é ser homem

(SILVA, 2010), lancei uma primeira hipótese: a experiência de vivenciar variadas práticas sexuais simultâneas – observar e ser observado, dominar e ser dominado, penetrar e ser penetrado (ao mesmo tempo ou não), praticar DP (dupla penetração simultânea pelo canal anal), penetrar e ser penetrado e fazer sexo oral, dentre tantas outras possibilidades –, proporcionariam aos adeptos das orgias a maximização do prazer, situando a orgia no extremo de um continuum.

Esse continuum, na experiência dos sujeitos orgiásticos, estaria, de forma inversa, ligado ao que Rubim (2017) considera nas sociedades modernas como um sistema hierárquico de valores sexuais. Para a autora, há um escalonamento hierárquico no sentido de haver práticas sexuais socialmente legitimadas e outras não. As primeiras, localizadas no topo da pirâmide, estariam conformadas a uma sexualidade heterossexual, conjugal, monogâmica, reprodutiva e não comercial. As demais, quanto mais distantes das práticas situadas no topo da pirâmide menos legitimadas estariam. Nessa hierarquia, casais lésbicos e gays estáveis de longa duração seriam tolerados e situados acima de sapatões caminhoneiras e gays promíscuos. As últimas, estariam situadas acima das categorias sexuais mais desprezadas. Estas, por sua vez, situadas na base da pirâmide, quais sejam: “transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, profissionais do sexo, como as prostitutas e modelos pornográficos e, a mais baixa de todas, aquela cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais” (RUBIM, 2017, p. 83).

Ainda sobre as categorias legitimadas e não legitimadas a autora postula:

Os indivíduos cujo comportamento figura no topo dessa hierarquia são recompensados com o reconhecimento de saúde mental, respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, apoio institucional e benefícios materiais. À medida que se vai descendo na escala de comportamentos sexuais ou ocupações, *os indivíduos que os praticam se veem sujeitos à presunção de doença mental, falta de idoneidade, tendência à criminalidade, restrição de mobilidade social e física, perda de apoio institucional, sanções econômica e processos penais* (RUBIM, 2017, p. 83) (grifos meus).

Ou seja, aos sujeitos orgiásticos, homens que fazem sexo não heterossexual, não monogâmico, não reprodutivo, situados na base da pirâmide, seriam relegados àquilo que, supracitado em itálico, é apontado pela autora. Entretanto, na experiência orgiástica essa lógica parece funcionar de forma contrária. Deste modo, o que seria rechaçado a partir do “estigma erótico” é valorizado na experiência dos sujeitos orgiásticos, o que me possibilitou em termos de produção do prazer elaborar o que eu chamei de “*continuum* do prazer”. Assim, partindo da compreensão de erotismo em Bataille (2013), em que há uma articulação entre prazer erótico e transgressão, uma questão se anunciou: o prazer, fruição e sensações corpóreas, seria produzido a partir de um *continuum*, em que, quanto mais distante as práticas sexuais coletivas realizadas entre homens que fazem sexo com homens estão das práticas sexuais legitimadas, mais intensas seriam as sensações experimentadas. Destarte, por articular variadas práticas rechaçadas, do ponto de vista do “sistema hierárquico de valores sexuais”, e em função dos múltiplos estímulos corpóreos sentidos pelos seus adeptos, as orgias pesquisadas até então, estariam situadas no extremo do “*continuum* do prazer”.

Tais elucubrações e constatações hipotéticas me possibilitaram trilhar dois caminhos. O primeiro, a elaboração de questões pertinentes à maximização do prazer: por que os sujeitos orgiásticos buscam a maximização do prazer? O que esse prazer significa? No que essa busca pela maximização do prazer se conecta com os valores culturais mais abrangentes da sociedade contemporânea? Apesar de serem práticas “marginais” e possuir caráter contestatário, não estaria em outro nível reiterando certos papéis e valores? O que reitera e o que contesta? O segundo, mais intencionalmente conectado a uma justificativa instrumental, visto que, a partir do meu lugar de fala, enquanto pesquisador gay, eu desejara de alguma forma contribuir com reflexões que tratassem mais diretamente de questões pertinentes aos riscos de infecção pelo vírus HIV, relaciona-se aos riscos, pessoal e social, possibilitados aos homens que fazem sexo com homens a partir da experiência orgiástica. Concernente a este segundo aspecto duas questões foram observadas. A primeira estava relacionada a uma espécie de código de ética que norteia os requisitos e condutas adequadas para se participar das orgias. A segunda, ao intercuro sexual praticado sem o uso do preservativo, o que remete à prática conhecida entre os grupos como, “sem capa”, “na pele” “*unsafe*” ou “*barebacking*”.

A partir desse quadro empírico, e do que fora construído, projetei investigar orgias privadas realizadas entre homens que praticam intercuro sexual com outros homens. Por orgia, compreendo uma prática sexual realizada em grupo. A priori, a pesquisa teria como base etnográfica uma rede de homens que se articulavam mediante três blogs<sup>3</sup>, quais sejam:

3 É um website cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos cha-

<http://morenos1972.blogspot.com.br/> e <http://ttchellosexyspzs.blogspot.com.br> e [www.pegadasdemachos.com](http://www.pegadasdemachos.com). Os dois últimos estão relacionados. O objetivo se constituía em compreender como a noção de risco era significada pelos atores praticantes das orgias e quais as vinculações que tais significações tinham com a produção do prazer e a realização do desejo. Entretanto, ao partir para o trabalho de campo corpo a corpo, no sentido etnográfico clássico, o que me possibilitou a realização da observação participante<sup>4</sup> nas orgias *barebacking* e o diálogo com os sujeitos adeptos desta prática, o risco perdeu a sua centralidade enquanto objeto e categoria analítica central e, a partir das experiências afetivo-sexuais dos sujeitos orgiásticos *barebackers*, deu lugar ao cuidado e ao controle.

---

mados artigos, ou posts. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do blog, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do blog. Muitos blogs fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular; outros funcionam mais como diários online. Um blog típico combina texto, imagens e links para outros blogs, páginas da Web e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma parte importante de muitos blogs.

4 Método de trabalho de campo criado por Malinowski (1976), considerado até os dias atuais como instrumento por excelência da coleta de dados pertinente ao trabalho etnográfico. Consiste na ideia da máxima internalidade na vida dos sujeitos pesquisados: viver com eles, aprender sua língua, participar das suas atividades, das suas vidas, acessar os “imponderáveis da vida cotidiana”. Segundo Eriksem e Nielsen, “A observação participante de Malinowski estabeleceu um novo padrão para a pesquisa etnográfica. Todo fato, mesmo o mais insignificante, devia ser registrado. Na medida em que fosse praticamente possível, o etnógrafo devia participar do fluxo contínuo da vida do dia a dia, evitando questões específicas que pudessem desviar o curso dos eventos e sem restringir a atenção a partes específicas da cena” (ERIKSEM e NIELSEN, 2010, p. 57). Voltarei a este assunto mais adiante.

## 2. Desejo, cuidado e controle nas orgias *barebacking*.

Como sugerido no tomo anterior, as elucubrações realizadas no início da pesquisa foram elaboradas a partir de um trabalho de campo exploratório, realizado exclusivamente por meio do ambiente virtual. Ainda nesse momento, temendo não ter acesso aos sujeitos da pesquisa, tendo em vista as peculiaridades do universo pesquisado, intensifiquei minha comunicação virtual com alguns deles. Uma forma de estar presente nos seus cotidianos, estratégia de construção e solidificação dos vínculos, o que futuramente poderia facilitar o meu acesso a eles, já que eu havia projetado uma segunda fase do trabalho de campo, no sentido etnográfico clássico, vis-à-vis. Assim o fiz. No primeiro semestre de 2015 migrei para São Paulo com o intuito de conhecer os sujeitos orgiásticos que eu já vinha conversando desde o ano de 2013 e intensificado os diálogos no ano seguinte. Em Belo Horizonte tive a oportunidade de conhecer o Roberto<sup>5</sup> e, diante das dificuldades de acessar as orgias privadas organizadas pelos articuladores dos outros dois blogs<sup>6</sup>, solicitei que me ajudasse a contatar os adeptos das orgias pertencentes a sua rede. Para minha surpresa, Roberta me possibilitou o contato de dois orgiásticos *barebacking*, que por sua vez, também para minha surpresa, me foram muito receptivos.

Esses primeiros contatos se constituíram como porta de entrada para o universo das orgias *barebacking*. Em vista disso, a realidade empírica acessada nessa segunda fase da pesquisa, em que me foi possibilitada

---

5 Roberto é o dono do blog <http://morenos1972.blogspot.com.br/>

6 <http://ttchellosexypzs.blogspot.com.br> e [www.pegadasdemachos.com](http://www.pegadasdemachos.com)

a observação das práticas sexuais e a interlocução corpo a corpo com os sujeitos orgiásticos *barebackers*, chamou-me atenção para o seu potencial investigativo. A abrangência do seu campo reflexivo, as peculiaridades de um objeto ainda pouco explorado por pesquisadores brasileiros, a possibilidade de dar visibilidade a um outro discurso acerca das práticas sexuais coletivas e *berebecking*<sup>7</sup> e um campo que me pareceu ter se dado a observação, impeliram-me a alterar os planos iniciais da pesquisa. Destarte, se a princípio o foco central incidiu sobre as articulações entre o risco, a realização do desejo e a produção do prazer nas orgias entre homens que fazem sexo com homens, realizadas em apartamentos privados, o foco se deslocou para as práticas orgiásticas *barebacking* de homens soropositivos que fazem sexo com homens.

Assim, como premissa, operacionalizada para pensar o risco como elemento que constela as orgias e constitui a produção de fruição corpórea, concebi as sensações e emoções despertadas pelos múltiplos estímulos corporais, proporcionados pelo sexo grupal, como um escamoteador da razão. Por conseguinte, passíveis de colocar os sujeitos orgiásticos em situações de risco, pessoal e social<sup>8</sup>. Consoante a essa lógica, em um

7 Sobre esse aspecto, saliento que pretendo dar visibilidade a um outro discurso por duas vias. A primeira, em contraste às qualificações simplistas e estereotipadas observadas nos discursos da mídia *mainstream* e no senso comum. Como próprio da antropologia, dou centralidade ao aos discursos dos “nativos”, uma possibilidade de compreender as práticas sexuais coletivas e, principalmente, a *berebacking*, pela ótica daqueles que as praticam. A segunda, por meio de uma torção na chave analítica que impera nos discursos acadêmicos sobre as sexualidades não normativas, acentuadamente marcadas pela retórica do risco (RINALDI, 2018).

8 De acordo com Jeolás (2003, p. 104): “poderíamos pensar que o êxtase ou a vertigem, procurados na velocidade, nas aventuras e nas emoções fortes (adrenalina, radical, hard são termos freqüentes no vocabulário juvenil), encontram-se presentes também no sexo e

dos eixos de problematização do projeto de pesquisa, o HIV/aids e outras DSTs foram apontados como risco pessoal iminente. Com efeito, se, logo no início da pesquisa, o risco já havia sido repensado como elemento que havia sido acionado de forma apriorística, para pensar nas experiências orgiásticas de homens que fazem sexo com homens, no contexto das orgias *barebacking* ele pareceu não ter centralidade. Por esse ângulo, embora eu ainda esteja imbuído da ideia de que o risco constela as experiências orgiásticas, em função das demandas requeridas por esse tipo de empreendimento, assim como pela ampliação da ideia de risco, seja ela *barebacking* ou não, no contexto das orgias *barebacking* ele necessita ser repensado.

Deste modo, já infectados pelo vírus HIV e adeptos do sexo sem o uso da camisinha, o risco de infecção, apontado em um dos eixos de problematização do projeto, como mencionado acima, desaparece. Entretanto, a possibilidade de serem infectados por outras doenças sexualmente transmissíveis não está descartada. Nesse sentido, a partir das falas dos sujeitos, a noção de cuidado emerge como uma categoria a ser levada em consideração. Vejamos como exemplo, o que o Rei Sol e Alejandro, um dos sujeitos que fazem parte do núcleo duro das suas orgias, falam sobre esse aspecto:

fui observando que as pessoas vinham sabendo que vinham para uma festa bare, que era totalmente sem capa, então todo mundo era positivo, apesar que indetectável, foi o que a gente sempre buscou pra transar, mas com indetectáveis, mas que tinham um cuidado, ah, tá tudo bem? Ó, meus exames estão ótimos, então já cheguei a ter amigos que

---

nas drogas – lícitas ou ilícitas –, tornando os jovens vulneráveis à aids, pois fazem prevalecer os sentimentos de embriaguez dos sentidos e de desordem provisória”. Estendo o que a autora argumenta para outras gerações.

falou, olha eu vou ter que dar um tempo eu foi ficar aí uns dois meses fora porque eu peguei sífilis, vou tratar, não vou voltar tão cedo, então eu já nem chamava, né. (Rei Sol – 26/11/2015)

é nisso que a gente procura se apegar, é de gays que se cuidam, que frequentam a medicina, que fazem exames, que tomam remédios. É muito mais confortável transar com um cara hoje que seja positivo, mas que faz tratamento do que um que não toma medicação, não vai na medicina, não sabe qual o seu estado de saúde e tá por aí transando com todo mundo, é muito mais horroroso. O cara fala pra você que não é soropositivo, mas nem ele sabe, é muito mais horroroso do que um cara que sabe que é infectado, que faz tratamento, que toma sua medicação, que frequenta a medicina. Que tem um, tem uns caras que não tão nem aí pra sua saúde. (Alejandro – 24/10/2015)

Infectedos pelos vírus HIV e “frequentadores da medicina”, as possíveis infecções por outras doenças sexualmente transmissíveis são passíveis de serem detectadas e “controladas”. Leo Dutra, dono da festa Cabbaré dos Leiteiros, a partir da sua experiência, explica como funciona o controle das possíveis outras infecções adquiridas com a prática do sexo grupal sem o uso do preservativo:

É um problema de homem que é bem dotado, tem maior da média, o pau maior, acima da média, grosso, é o mesmo problema que eu sofro. Eu não gosto de usar preservativo, nunca gostei, mas eu tinha que usar. (você é ativo ou passivo?) eu sou versátil. Lógico que o prazer de você fazer sexo com ‘uma pessoa com preservativo, sem preservativo, sem preservativo é muito maior. Eu não vou falar que preservativo é bom, não é bom! é ruim, eu perco toda a sensibilidade, eu acabo broxando porque dependendo do preservativo me aperta, me incomoda. Ai, então eu tenho que comprar o mais fino, de tamanho maior, aí fica aquela coisa que não fica nem metade nem com, aí você fica se incomodando, cê tira, aquilo enrola, você vai e puxa, é um estica e puxa que acaba com qualquer clima, você não quer fazer, entendeu? machuca, a fricção acaba machucando, então assim, e isso acontece com ele também. Então, hoje ele se sente confortável em fazer sem, mas eu falei pra ele,

you have to have control of other sexually transmissible diseases. (Now how does this control work?) With exams. Go to the doctor and get a VDRL test for syphilis, other types of modifications, you see any kind of change in your penis or your anus, - ah, I was in the shower and it burned!, it's not normal for you to go to the shower and do xixi and burn, then something happens. - Ah, I was in the shower and I saw that in your feces there is a secretion, it's not normal. Then you have to go back, you have to take care. As people, there is no one in Brazil, of taking care, they only go to the doctor to be treated, when the thing has already happened and it is not like that, you have to take care of your health independently of whether you take care of your health or not, you have to take care of your health. Then a seropositive person in the SUS system he has the exams that the doctor does, he asks for the exams that go, before it was every two months it passed to every three months, now it is every six months they are asking for it, because there is already a control of the diseases, in short, the medication, then they have been increasing these intervals between one and the other. I as someone who goes to parties and I have several casual partners I don't go every two months, it's every one month. (Léo Dutra – 15/02/2017)

In this sense the care and the control, relational categories, seem to be operationalized in two aspects, which are: the choice of sexual partners who have adhered to medical treatment for HIV/aids, or that would be like the virus becoming undetectable. Thus, they would not be exposed to the risks of a supposed reinfection; the personal adherence to treatment, or that they have regular exams which aim at the control of the viral load, among other cares – medical protocol – and of possible sexually acquired diseases – native protocol. In this sense, the possible sexually acquired diseases, also deprived of their moral weight, or that are, desdramatized, can be treated as if they were detected in routine exams, which are carried out regularly.

Such argumentative constructions are acted upon by the subjects or *barebackers* in response to my questionnaires when it comes to

possíveis exposições a outros tipos de riscos, para além do HIV. Entretanto, os mecanismos e motores de organização das orgias *barebacking*, a exemplo das orgias do Roberto<sup>9</sup>, em alguns aspectos – percebidos por meio da observação participante e de entrevistas realizadas com os adeptos das orgias do Rei Sol –, contradiz a lógica de cuidado e controle externada por alguns sujeitos da pesquisa num primeiro momento, como exemplificados nas falas dos sujeitos acima.

O Rei Sol, proprietário do apartamento onde as orgias são realizadas, no nosso primeiro encontro revela que há um núcleo duro constituído por quatro orgiásticos. Tais sujeitos estão ligados desde o início, são eles que organizam e acionam outros homens interessados em participar das festas. Em torno dos quatro há uma circularidade de sujeitos, os quais podem ser acionados por meio de sites e aplicativos de paqueras. De forma metafórica, e jocosa, chamam tais sujeitos de “pratinhos”, fazendo alusão às festas em que os convidados levam pratos de comidas para serem partilhados por todos.

Portanto, ao viabilizarem os “pratinhos”, por meio dos mecanismos mencionados, perde-se a garantia de que eles estejam dentro da categoria dos que se cuidam. Nesse sentido, os mecanismos de cuidado e de controle, parecem não ser rígidos. Destarte, ao me deparar com a suposta falta de rigidez, na primeira conversa que tive com o Rei Sol, o questioneei sobre quais eram as garantias de que os sujeitos acionados se cuidavam. Ele me respondeu, “com a mesma garantia de que esse prédio não cairá sobre as nossas cabeças”. A princípio entendi a assertiva como uma não

9 Embora também organizasse orgias *barebacking* Roberto não era um adepto do intercuro sexual sem o uso da camisinha

garantia, pois ao levar em consideração a dimensão trágica da existência, garantia nenhuma teríamos de que aquele prédio, de fato, não pudesse, a qualquer momento cair sobre as nossas cabeças. Entretanto, refletindo a posteriori, por se tratar de um edifício emblemático pela sua arquitetura e dimensões superlativas, outra interpretação seria viável, ele não cairia sobre as nossas cabeças. Fazendo-me ponderar acerca de garantias não explicitadas no discurso dos sujeitos orgiásticos positivos, mas vivenciadas no cotidiano, advindas com as experiências vividas e partilhadas entre eles. Mas que garantias eram essas?

Assim, tomando as práticas e experiências orgiástica dos sujeitos *barebackers* como possibilidade etnográfica, o risco, na sua dupla dimensão, objeto e categoria analítica central, dar lugar a outras possíveis chaves de interpretativas.

Nessa perspectiva, sigo as pistas elaboradas por Halperin (2010), em “*Que veulent les gays? Essai sur le Sexe, le Risque et la Subjetivité*”. O Filósofo estadunidense propõe considerar os discursos sobre o “fantasmado” *barebacking* como produto de um movimento de re-patologização da homossexualidade. Seguindo uma tradição política investida pelo movimento gay pós-stonewal, cujas bases advieram de uma recusa foucaultiana a uma subjetividade disciplinar, propõe outro caminho de acesso à subjetividade gay que não se utilize das categorias da psicologia e da psicanálise - “L’art de vivre, c’est de tuer la psychologie” (FOUCAULT, 1994, p. 256).

Por esse caminho coloca que é preciso (re)pensar a experiência ou a subjetividade gay para além de uma epidemiologia do risco. Nesse sen-

tido, amparado em pesquisadores como por exemplo, Kane Race (2007), questiona as significações do *barebacking* ligadas aos riscos de contaminação pelo vírus HIV, propondo outras possibilidades de interpretação do fenômeno. De acordo com o autor:

Toutes les chercheurs qui ont suivi sont cohérentes et suggèrent que le bareback est plus souvent le fait de séropositifs que de séronégatifs. En outre, les seropositifs qui les pratique choisissent le plus souvent des partenaires qui ont – ou sont censés avoir – le même statut sérologique qu’eux, ou qui sont censés se savoir effectivement ou très vraisemblablement seropositifs (très peu d’entre eux acceptent de pratiquer bareback avec des partenaires qu’ils savent séronégatifs). (HALPERIN, 2010, p. 22)

As questões colocadas pelo referido autor, de acordo com Vale (2013), concomitantemente são desafiadoras e esclarecedoras: será que o “fantasmado” fenômeno do “*barebacking*” representaria tantos riscos para a saúde quanto nos querem fazer acreditar? E se em vez de falarmos em *barebacking* falássemos em “sorotriagem” e “segurança negociada”? E se a abjeção pudesse ser pensada como o lugar de novos agenciamentos<sup>10</sup>?”

Ainda no que se refere ao risco, Halperin acentua que risco e segurança não são categorias opostas e excludentes e que “os gays têm definido e redefinido seus próprios protocolos de segurança”. Tais protocolos seriam forjados no cotidiano a partir de contextos, situações e trajetórias específicas, ou seja, um tipo de epidemiologia nativa, cunhada por Gabriel Girard, em discussão incluída no livro de Halperin (2010), como “epidemiologia profana”. Nessa mesma chave, numa via paralela, o autor aponta

---

10 Essas notas são fruto de um diálogo compartilhado com o professor Alexandre Vale e compõem algumas das reflexões que estamos desenvolvendo para um outro artigo.

para uma “longa tradição de reflexão e inventividade homossexual voltada para a defesa do prazer e de uma vida sexual viável, contra uma norma de prevenção que, de tão rigorosa, inviabilizaria qualquer erotismo homossexual” (VALE, 2013, p. 4). É nessa dialética, imbuído por uma abordagem da prevenção, de acordo com o nível de prevalência por gerações sucessivas, que Halperinconstata um índice crescente de “segurança negociada”.

Destarte, seguindo as trilhas de Halperin (2010), no que se refere à “sorotriagem” e a “segurança negociada”, por mais que na organização e no ato das práticas sexuais vividas no âmbito das orgias *barebacking* o vírus HIV não seja mencionado, há uma compreensão tácita de que se trata de uma orgia entre homens soropositivos. Tal assertiva pode ser asseverada a partir das conversas informais que tive com Roberto, como também pela observação participante e entrevistas com os adeptos das orgias do Rei Sol:

Então, depende da festa, depende do grupo, quando você estabelece uma relação bem legal, de amizade com a pessoa, você acaba falando, conversa, como é que tá sua carga viral? Você tá tomando que remédio? A gente até fala, mas dependendo da festa, das pessoas, é muito velado, tipo você nem toca no assunto. Todo mundo sabe, mas ninguém quer falar. Por exemplo, você vai num clube, meu, isso aí é assunto que não se fala, numa festa em um clube, você não toca nesse assunto, mas aí você vai lá no pezinho do ouvido do outro e fala assim, eu vou te vitaminar, num sei que, tal, mas tem gente que não gosta. Tipo, eu sei, mas não falo. E já não acontecia na festa [refere-se as festas privadas], muito pelo contrário, em algumas festas a gente, nos intervalos entre uma e outra a gente até conversava sobre isso, sobre o assunto. (Miguel – 24/01/2017)

Ninguém fala sobre o status da sua sorologia no coletivo. Entretanto, o HIV, parece ser um dos elementos centrais que norteia, não apenas

o erotismo, mas também, o aparente vínculo estabelecido entre os homens participantes da orgia *barebacking* em questão. (?)?

## **Conclusão**

Temendo conclusões precipitadas, penso ser esta uma questão relevante a ser levantada, ou mesmo reelaborada. Talvez não seja o vírus o elemento central que norteia às práticas eróticas e o aparente vínculo observado entre eles, ir por esse caminho supervalorizaria a dimensão biológica da infecção. Por outro lado, sem desconsiderá-la, as experiências sociais vivenciadas pelos sujeitos, deflagradas pela descoberta da sorologia positiva e pelas implicações de viverem com o vírus – mesmo que não partilhadas objetivamente –, parece dar a liga aos encontros coletivos empreendidos pelos sujeitos orgiásticos *barebackers*.

Aos olhos do senso comum pode parecer óbvio que o motor das práticas *barebacking* seja o prazer proporcionado pelo sexo sem o uso do preservativo, assim como também óbvio o objetivo final das práticas orgiásticas, o prazer elevado a sua potência máxima pelas múltiplas sensações experimentadas pelo sexo grupal. Entretanto, uma questão parece emergir dessa dupla dimensão da experiência sexual, talvez o nó górdio da experiência orgiástica – ou da sexualidade – de homens soropositivos, que fazem sexo com homens, afeitos à prática sexual sem o uso do preservativo: o que faz com que essas experiências – sexo grupal e *barebacking* – estejam entrelaçadas? Por que homens soropositivos adeptos do sexo sem o uso do

preservativo se lançam em experiências coletivas para a prática do sexo grupal?

De acordo com o Rei Sol, embora ele já tivesse tido experiências orgiásticas fora do Brasil, aos moldes como as que organiza em seu apartamento, as orgias tiveram início quando ele tomou consciência da sua condição de portador do vírus. Para burlar os constrangimentos de se relacionar com indivíduos sorodiscordantes passou a buscar na internet aqueles que tivessem o mesmo status sorológico. A partir daí o núcleo duro se formou e outros sujeitos orgiásticos positivos foram surgindo ao longo dos seis anos, período em que o grupo foi se constituindo.

Outra questão relevante, que se coaduna ao que foi mencionado acima e que se constitui como elemento de conexão com algumas possibilidades teóricas que serão aventadas, relaciona-se a nudez. A primeira regra ao se chegar ao apartamento é tirar a roupa e “ficar na pele”. De acordo com o Rei Sol:

(...) o diferencial [das saunas] é um pouco você poder escolher a sua tribo, que tem o mesmo desejo que você e somos todos iguais. Então ali não tem julgamento, enfim, carão, então ninguém tá indo lá pra buscar namorado, num é? Você entrou, tirou a sua roupa, você tá com a sua pele, esse ser pele é um ser único, num é, traz ali todas as suas, enfim, a sua qualidade, mas, assim, cê num tá ali porque cê tá usando uma bolsa, um chinelo Gucci<sup>11</sup>, não, é você, certo, com tudo que você de bom e de ruim, mas é você alí. (entrevista com o Rei Sol – 26/11/2015)

Tal formulação “nativa” me remete a Turner (2012), no que se refere à “função” atribuída às roupas e ao que entende como seus equivalentes simbólicos, adornos e pinturas corporais:

<sup>11</sup> Marca de moda italiana, considerada símbolo de luxo e status.

Decorating, covering, uncovering or otherwise altering the human form in accordance with social notions of everyday propriety or sacred dress, beauty or solemnity, *status or changes in status*, or on occasion of the violation and inversion of such notions, seems to have been a concern of every human society of which we have knowledge (TURNER, 2012, P. 486) (Grifo meu).

Como pontuado pelo referido autor as vestimentas, observadas em todas as sociedades humanas, cumpririam uma função para além de proteger os corpos. Elas estabeleceriam uma conexão entre os sujeitos e as instituições sociais, demarcando, ou mesmo acentuando, o status ocupado pelo sujeito dentro da hierarquia das mais variadas sociedades. Nessa perspectiva, em se tratando de uma sociedade segmentada pelo mercado, as roupas poderiam acentuar diferenças de classe social, idade, padrões estéticos, estilo, gosto. Assim, ao tirar as roupas, os sujeitos orgiásticos estariam se despindo de elementos que poderiam estabelecer desigualdades e hierarquias, o que me remete a uma “ideologia da igualdade”, partilhada pelo grupo ao transpor o biombo, localizado logo após a porta de entrada do apartamento. Uma igualdade que passa pelo desejo entre iguais.

Embora o corpo nu também possa despertar desigualdades e hierarquias entre os sujeitos, visto que os marcadores sociais da diferença incidem diretamente sobre os corpos (BRAZ, 2010; FRANÇA, 2013), parece haver uma intensão/tentativa de amenizar as possíveis diferenças. Isso pode ser observado nas variadas conformações corporais dos sujeitos participantes das orgias do Rei Sol. Ainda que os corpos dos sujeitos orgiásticos estejam dentro de um padrão estético, cujo equilíbrio entre altura e

peso era visível, pude observar uma multiplicidade de conformações corporais, acentuadas principalmente pela presença e interação sexual entre homens brancos e homens negros, altos e baixos, jovens e velhos, entre 19 e 69 anos.

Dando prosseguimento à mesma linha argumentativa, o que estou chamando de “ideologia da igualdade” parece imprimir certa singularidade ao grupo. Isso pode ser percebido na cordialidade com que se tratam os participantes da orgia do Rei Sol. Em vários momentos, mais especificamente na primeira vez em que lá estive, no dia 31 de outubro de 2015, das 14 às 20 horas, cujos participantes em interação sexual contavam onze, observei pausas nas práticas sexuais para a troca de ideias. No final da tarde quase todos, inclusive eu, estávamos na cozinha lanchando, compartilhando informações pessoais, contando piadas em meio a trocas de carinhos e carícias mais íntimas, realizadas entre alguns. Em outro momento, enquanto uns interagiam no quarto e outros na cozinha, quatro deles estavam sentados no sofá da sala, assistindo, aos risos, aos vídeos da orgia filmada e postada no blog por Roberto. Neles, reconheciam uns aos outros através dos “paus” e das “bundas”. Para além desses momentos jocosos, os quais delatam uma aparente proximidade entre os participantes, essa dimensão extrapola os limites da orgia, reverberando na constituição de vínculos estendidos a outras dimensões da vida cotidiana dos sujeitos. Vejamos o que o Rei Sol expõe sobre a igualdade:

ah por quê que cê não profissionaliza isso né, aluga um lugar, faz um bar, uma festa, todo mundo paga né!? eu não tenho menor interesse em fazer isso, meu interesse é outro, realmente ter essa possibilidade com os meus pares, com quem tem o mesmo desejo que o meu, com que

a gente possa se encontrar nessas relações que tem o sexo como seu principal elemento unificador, mas além dele, é, todo mundo sabe que estamos lidando com pessoas, não é com objeto. Então não é porque o cara pagou, não é porque o cara é, sabe, tem que fazer isso ou aquilo, então, essa coisa do profissional não me interessa ganhar dinheiro, talvez, não! Eu acho que é gratificante é saber que todo mundo vem, vem porque gosta, porque se sente bem, porque se sente acolhido, porque sabe que aqui somos todos iguais no desejo, no mesmo desejo, então esse traço eu acho que vai unificando e de certa maneira dando esse pertencimento ao grupo e todo mundo sabe um pouco disso. (Rei Sol – 26/11/2015)

Ao elaborar tais reflexões não quero sugerir que as relações travadas entre os pesquisados sejam destituídas de conflitos e tensões. Ou que, embora sejam elaborados mecanismos para que as diferenças sejam amenizadas, o erotismo não seja atravessado pelos “tensões libidinais”, noção cunhada por Perlonger (2008) para designar que as mesmas categorias produtoras de desigualdades e hierarquias – os marcadores sociais da diferença –, também estão implicadas na produção do desejo. Como mencionado acima, as múltiplas conformações corporais, presentes no contexto da experiência orgiástica *barebacking*, talvez também possam ser pensadas nessa direção. Assim sendo, cabe uma ressalva pontuada por Díaz-Benítez, “em se tratando de desejo, nem sempre a diferença se traduz em desigualdade, a diferença não precisa necessariamente ser hierarquizada” (DÍAZ-BENÍTEZ *apud* GREGORI, 2014, p. 23). Nessa imbricada trama, o que estou querendo ressaltar é que, em se tratando do sexo orgiástico *barebacking*, um elemento *significativo* é acionado e passível de ser colocado em tensão com os marcadores sociais da diferença, qual seja: o vírus HIV/sorologia positiva.

Destarte, no âmbito dos erotismos contemporâneos, o sexo orgiástico *barebacking*, - ou que se convencionou chamar assim – se inscreve no marco daquilo que Maria Filomena Gregori, conceitua como:

limites da sexualidade”: a zona fronteira onde habitam norma e transgressão, consentimento e abuso, prazer e dor. Tais limites indicam um processo social bastante complexo relativo à ampliação ou à restrição de normas sexuais. Em particular relativo à criação de âmbitos de maior tolerância com novas moralidades que vão sendo impostas, bem como de situações em que aquilo que é considerado abusivo passa a ser qualificado como normal. (GREGORI, 2016, p. 22).

Por esse ângulo, constituindo-se em empreendimento de risco, na medida em que coloca em perigo, não simplesmente os sujeitos que empreendem as práticas sexuais aqui discutidas, mas também as normas e convenções sociais, dado que é passível de ampliar e restringir normatividades sexuais e implicar “na expansão de maior tolerância ou não daquilo que é considerado abusivo e o que passa a ser qualificado como normal” (GREGORI, 2016, p. 5).

## Referências Bibliográficas

BATAILLE, Georges. O erotismo. Tradução Fernando Sheibe. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BRAZ, Camilo A. À meia-luz... uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2010.

ERIKSEN, T. H.; NIELSEN, F. S. História da antropologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michel. “Conversation avec Werner Schroeter”, Dits et écrits 1954-1988, ed. Daniel Defert y François Ewald, Gallimard, Paris, 1994.

FRANÇA, I. L. Do universo perfeito ao cinemão: homossexualidade masculina, deslocamento e desejo na cidade de São Paulo. Revista de Ciências Sociais (UFC), v. 44, p. 44-73, 2013.

GREGORI, Maria Filomena. Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade. 1ª edição. São Paulo: companhia das letras, 2016

\_\_\_\_\_. Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. Dossiê antropologia, gênero e sexualidade no Brasil: balanço e perspectivas. Cadernos pagu (42), janeiro-junho de, 47-74, 2014.

HAIG, Thomas. Bareback Sex: Masculinity, Silence, and the Dilemmas of Gay Health. Canadian journal of Communication, Montreal, v. 31, p. 859-877, 2006.

HALPERIN, David. Que Veulent les Gays? Essai sur le Sexe, le Risque et la Subjectivité. Traduit de l’anglais par Matthieu Dupas. Paris: Éditions Amsterdam, 2010.

JEOLÁS, L. S. Risco e prazer: os jovens e o imaginário da aids. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina – EDUEL: Fundação Araucária, 2007.

\_\_\_\_\_. Os jovens e o imaginário da AIDS: Notas para uma construção social dorisco. Campos: Revista de Antropologia Social, 4, 93-112, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw C. Argonautas do Pacífico Ocidental. Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

PERLONGHER, Néstor. O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Perseu Abramo, 2ª. Edição, 2008.

RACE, Kane. Engaging in a culture of barebacking: gay men and the risk of HIV prevention. In: K. HANNAH-MOFFAT; O’MALLEY, P. (eds.) Gendered Risks. London, Glasshouse Press, 2007.

RUBIN, Gayle. Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In. Políticas do sexo. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Ubu, 2017.

ROSENFELD, Anatol. O teatro épico. São Paulo, Editora Perspectiva, 1985.

TURNER, Terence S. 1978. “The social skin”. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 2 (2): 486–504, 2012.

VALE, Alexandre. Fleming C. Nosso pequeno segredo sujo: notas sobre a abjeção. Bagoas, Natal – RN, p. 313 – 322, 01 dez. 2013.

VIEIRA, Gleidson. A gente vive assim, mas a gente precisa de uma luz: As experiências religiosas das mulheres prostitutas da Praça do Diário – Recife – PE. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2010.

\_\_\_\_\_. A Pomba-gira no imaginário das prostitutas. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, 2005.